

A escola e a semiformação mediada pelas novas tecnologias

Bruno PUCCI (UNIMEP)¹

Resumo: Theodor Adorno, no final dos anos 50 do século passado, em seu ensaio “Teoria da Semiformação”, afirmava que a sociedade contemporânea cada vez mais nega ao indivíduo os pressupostos de sua formação. Este ensaio se propõe a examinar a triste atualidade da constatação de Adorno na educação escolar dos dias de hoje: como a *ratio* instrumental — com a massificação progressiva do ensino e, sobretudo, com a introdução das novas tecnologias digitais e informacionais na sociedade e, posteriormente, na sala de aula — se infiltrou predominantemente nos diversos momentos do ensino formal, apagando de vez os resquícios de formação ainda existentes.

Theodor Adorno, no final dos anos 50 do século passado, em seu ensaio *Teoria da Semiformação* (2003) afirmava que a sociedade contemporânea nega cada vez mais ao indivíduo os pressupostos de sua formação. Por formação ele entendia “a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva”, a cultura que se constitui pelo duplo caráter de ser, ao mesmo tempo, adaptação à vida real e busca da autonomia do sujeito. “A formação tem como condições a autonomia e a liberdade — dizia ele —. No entanto, remete sempre a estruturas previamente colocadas a cada indivíduo em sentido heteronômico e em relação às quais deve submeter-se para formar-se” (Adorno, 2003, p. 11). Sacralizar o conceito de cultura como liberdade ou destacar unidimensionalmente o momento adaptativo é favorecer o florescimento da semiformação. Analisando a realidade sócio-cultural de seu tempo, constatava que o espírito, a *ratio*, havia se reduzido ao papel de mero instrumento, em uma unidade indiferenciada com o social, e que a única possibilidade que ainda restava à formação era, à maneira do Barão de Münchhausen, a auto-reflexão crítica sobre a semiformação generalizada.

Adorno vivia a Alemanha dos anos 1950, pátria dos clássicos Goethe, Beethoven, Kant, Marx, Freud, Weber, mas também, paradoxalmente, pátria do nacional-socialismo e de Auschwitz. Tinha vivido, nos anos 40, a experiência de exilado no país mais avançado tecnológica e economicamente do mundo capitalista ocidental. E, observando a formação cultural dos alemães de seu tempo, sentia a necessidade de uma reflexão teórica abrangente sobre a semiformação, que se tinha constituído “a forma dominante da consciência” da época.

¹ Professor Titular da UNIMEP, pesquisador do CNPq e da FAPESP, coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa Teoria Crítica e Educação.

Em uma sociedade inteiramente dominada pelo princípio da troca, em que o poder da totalidade sobre o indivíduo prosperou de maneira desproporcional, a desumanização implantada pelo sistema capitalista negou aos trabalhadores os pressupostos para a formação, notadamente o ócio. No início, não tinham eles tempo livre para se dedicarem às coisas do espírito; depois, quando, pelas lutas sangrentas, conseguiram tempo para si, esse tempo foi arditamente preenchido pelo lixo dos produtos culturais. Além de extrair o fundamental para a formação, o tempo livre, outras condições decisivas foram sonegadas aos trabalhadores: a tradição pré-burguesa e seus valores formativos. Tal tradição era incompatível com a *ratio* emergente que, pelo eficiente processo do desencantamento do mundo e pela afirmação enfática de sua dimensão instrumental, acarretou — afirma o frankfurtiano — uma “devastação do espírito”. As imagens e formas culturais que a caracterizavam foram substituídas pelas imagens das artistas de cinema, e pelas canções de sucessos, que, com sua beleza produzida, suas letras e seus títulos padronizados, irradiavam um brilho calculado. As boas maneiras à mesa e no tratamento com o outro, a perda de tempo com a escolha de um presente para a pessoa amada, a lenta construção de experiências duradouras, a precisão escrupulosa na maneira de se expressar, a presença repentina do ato de aprender de cor e do testemunho da memória das coisas, são progressiva e definitivamente trocadas pelo tratamento direto, pela funcionalidade, pela precisão, pela rapidez, pela memória das máquinas. O *homem de espírito* é um espécime em extinção; em seu lugar viceja o *homem* pretensamente *realista*. “Assim desaparecem os jovens ou compositores que sonham em ser grandes poetas ou compositores”².

Adorno denunciou ainda dois danos irreparáveis à formação cultural, causados pela abolição da tradição pré-capitalista: a perda da autoridade e o desaparecimento da filosofia dos currículos escolares. A formação cultural, na família e na escola, desenvolvia-se socialmente da mesma maneira como, para Freud, se fortalecia o princípio do ego, da autonomia. Da identificação com a figura do pai e, ao mesmo tempo, do conflito, da ruptura com a figura do pai, o ego se afirmava e se formava. Pela integração aos valores culturais da tradição, mediados pelo pai e pelo professor, ao mesmo tempo, pela reação à tradição e pela afirmação de novos valores, intermediados pelo social, pelo progresso, o jovem adquiria condições de se formar culturalmente. Com o enfraquecimento da autoridade do pai — que agora tem que dividir com a mulher, também profissional remunerada, o poder econômico na família, dividir com os atores da televisão e com os super-heróis das revistas de quadrinhos, o papel de modelo a ser imitado — debilita-se o processo formativo. Uma autoridade enfraquecida não merece ser seguida, muito menos questionada. As condições para se formar um ego forte, autônomo são tolhidas na fonte. E um ego enfraquecido é uma presa mais fácil para o sistema.

² ADORNO, T.W., *opus cit.*, p. 13.

A autoridade do professor, na sala de aula, por sua vez se mostra frágil e desacreditada. Para Adorno, as reformas escolares, necessárias para adequar a educação aos novos tempos, “descartaram a antiga autoridade” do mestre e, ao mesmo tempo, “enfraqueceram ainda mais a dedicação e o aprofundamento íntimo do espiritual”³. Com a introdução da escola nova e das novas metodologias, provindas do pragmatismo americano, a atenção se volta ao aluno, à sua iniciativa, às coisas que dizem respeito à sua vida, aos acontecimentos do momento; e com isso, o novo, o útil se fazem abundantes na educação escolar. A sabedoria do mestre, fruto de sua longa experiência com as coisas do espírito e da tradição, se torna *demodê* diante das exigências do “que fazer” formativo contemporâneo. O aluno, que se identificava com o mestre no processo formativo e, ao mesmo tempo, era desafiado a superá-lo, agora não tem espaço e tempo para se dedicar a generalidades e a especulações. E uma formação funcionalista gera condições propícias para que o educando se adapte mais e mais ao sistema que o devora.

Adorno lamentava ainda o desterro da filosofia das reformas escolares; o núcleo do idealismo especulativo, a doutrina do caráter objetivo do espírito — que geravam estranhamento, espanto e suspeita entre os educandos, que tinham inspirado geneticamente Humboldt, Schleiermacher e Schiller — constituíam, ao mesmo tempo, o princípio da formação cultural. Com a subordinação da filosofia à ciência e, conseqüentemente à razão instrumental, consumou-se naquela a separação entre seus dois elementos constituintes: a reflexão e a especulação. Esta foi descartada como divagação, coisa inútil e inoportuna. “A irrevogável queda da metafísica esmagou a formação”⁴.

A negação do tempo livre para se dedicar às coisas do espírito, a perda da tradição pré-capitalista, com o enfraquecimento da autoridade do pai e do professor e o desaparecimento da filosofia especulativa dos currículos escolares, favoreceram o surgimento de situações trágicas para os estudantes, entre elas, a atrofia da espontaneidade⁵ e a poda do espírito crítico⁶.

Adorno, quando escreveu a *Teoria da Semiformação*, 1959, vivia ainda a era da tecnologia mecânica. A partir dos anos 1970, o mundo passou a ser atingido por um período de ondas revolucionárias que modificaram acentuadamente nossa relação com as coisas, com as pessoas, com as instituições familiares e escolares: revolução eletrônica, revolução das comunicações, revolução

³ ADORNO, T.W., *opus cit.*, p. 12.

⁴ ADORNO, T.W., *opus cit.*, p. 13.

⁵ “O momento da espontaneidade, tal como glorificado nas teorias de Bérégson e nos romances de Proust, e tal como caracteriza a formação enquanto algo distinto dos mecanismos de domínio social da natureza, se decompõe na agressiva luz das avaliações”. ADORNO, T.W., *opus cit.*, pp. 13-14.

dos novos materiais, revolução biotecnológica. Algumas evidências nos mostram isso. No mundo atual, a tecnologia ocupa posição-chave, se transformou em espírito do tempo e passou de meio a fim em si mesma⁷; sua articulação com o capitalismo globalizado lhe proporcionou tal poder e autonomia, que não é mais ela que deve se adaptar à sociedade e sim a sociedade que deve se adaptar a ela, se quiser sobreviver. “Ainda não começamos a imaginar o impacto das novas tecnologias da informação e das novas biotecnologias no planeta e nas vidas das pessoas”, afirma Vandana Shiva, cientista e ambientalista indiana. Engenheiros geneticistas manipulam a vida com fins notadamente mercadológicos; o patenteamento de bactérias geneticamente engenheiradas, a garimpagem genética e a venda clandestina de órgãos humanos atestam isso. Vivemos uma nova era de colonização, em que todo ser vivo — do micróbio ao homem — se torna potencialmente uma mercadoria⁸.

A vertiginosa aceleração da tecnociência — apoiada no papel central que ela passou a ter na dinâmica do capital, a partir dos anos 1970 — vem produzindo mudanças drásticas em nossa maneira de agir, de perceber e de pensar e sua presença vertiginosa e seus efeitos práticos se fazem sentir em todos os ambientes sociais. A informação passou a ser a medida de todas as coisas e a mercadoria por excelência do capital global. Tem valor de troca tudo aquilo que pode ser captado da realidade e traduzido em uma nova configuração, digitalizada, a informação; que, depois, pode ser decomposta, recomposta, indexada, ordenada, comentada, transmitida etc. Na ótica de um biotecnólogo, que privilegia o valor instrumental em detrimento do valor intrínseco do indivíduo, uma planta, um animal, um ser humano se reduzem a um pacote de informações altamente manipuláveis. Na visão de Laymert Garcia dos Santos, “optando pela estratégia da aceleração tecnológica e econômica total, pela colonização do virtual e pela capitalização da informação genética e digital, a sociedade ocidental contemporânea se volta para o futuro e parece condenar todas as outras à integração ao seu paradigma ou ao desaparecimento”⁹. As escolas brasileiras dos anos 2000 já não se tornaram um palco preferencial de disseminação de informações educativas, eivadas pelo olhar instrumental do tecnólogo e do vendedor de mercadorias baratas?

A realidade virtual, uma das criações mais espetaculares do mundo fictício, inventado pelas novas tecnologias, está se instalando entre nós e o mundo contemporâneo. Ela é, a partir de uma

⁶ “A semiformação cultural, com o progresso da integração (...) abraça também o espírito que tinha em outros tempos e poda-o como convém às suas necessidades, (...) o despoja do distanciamento e do potencial crítico”. ADORNO, T.W., *opus cit.*, p. 15-16

⁷ “As pessoas tendem a considerar a tecnologia como algo em si, como fim em si mesmo, como uma força com vida própria, esquecendo-se, porém, que se trata de braço prolongado do homem”. ADORNO, T.W. “Educação após Auschwitz”, p. 42.

⁸ Cf. SHIVA, V. “A nova colonização genética (entrevista). In SANTOS, L. G. Dos. *Politizar as novas tecnologias*, pp. 73-80.

⁹ Cf. SANTOS, L. G. dos, *opus cit.*, pp. 91-92.

relação homem-máquina, a geração de um mundo artificial, em que o usuário pode habitar, interagir, amar, sofrer, gozar e até pensar, um mundo alternativo. Para muitos, a realidade virtual vai se tornando a sua realidade do dia a dia. O sistema financeiro global foi um dos primeiros setores da sociedade que se despediu do mundo atual e se instalou fecundamente no ciberespaço, por que sentiu nele mais firmeza, rapidez e lucratividade para proceder às suas transações financeiras, especulativas. O especulativo, tão questionado pelo sistema capitalista como inútil, metafísico, ganha nesta nova realidade outra dimensão, abstrata sim, mas pragmática: os mercados futuros, a indústria dos derivativos. Se o sistema financeiro global, que, na verdade, dirige o mundo capitalista, se encaminhou para o ciberespaço, abandonando nosso velho mundo atual, os outros setores da sociedade se sentem igualmente pressionados a fazer o mesmo¹⁰ e também a se sentir mais protegidos.

As evidências e questões acima levantadas caracterizam um outro momento bem diferente do vivido por Theodor Adorno nos anos 50 do século passado, em que as novas tecnologias ainda estavam em processo inicial de desenvolvimento. Suas observações críticas sobre a semiformação generalizada em que a formação tinha se transformado; sobre o sistema capitalista que negou aos trabalhadores os pressupostos para a formação, o ócio; sobre as reformas escolares que favoreceram o enfraquecimento da autoridade do professor na relação escolar; sobre o banimento da filosofia especulativa que abalou a formação dos educandos; são observações ainda válidas para analisar, nos dias de hoje, a educação escolar, cercada e invadida pelas novas tecnologias? É o que vamos tentar examinar nas páginas seguintes.

É verdade que os escritores crítico-reprodutivistas dos anos 1970 (Althusser, Bourdieu, Establet, entre outros) apontavam a escola como reprodutora dos valores e dos interesses da classe dominante; falavam em dois tipos de escola, uma que atendia à formação dos filhos da elite e outra destinada aos filhos dos trabalhadores. Por outro lado, os educadores que defendiam uma teoria crítica da educação, nos anos 1980, (entre eles, Saviani), apesar de reconhecer o forte poder e presença da ideologia dominante no interior da sociedade e da instituição escolar, apostavam na existência de contradições nos diversos setores sociais, que poderiam ser beneficentemente exploradas a serviço da formação. Parece-nos que hoje em dia as brechas a serem exploradas para ajudar a desmoronar o sistema capitalista já foram devidamente sedimentadas pela argamassa das novas tecnologias. De potenciais passaram a ser virtuais.

Com a necessidade política de dar escola a todos, o ensino foi progressivamente massificado e os professores rebaixados a um lugar secundário no processo ensino-aprendizagem. A

¹⁰ Cf. SANTOS, L. G. dos, *opus cit.*, pp. 109-122.

indústria cultural, através da farta editoração e distribuição dos livros didáticos — que facilitava o ensino e padronizava a aprendizagem —, através das novelas, dos vídeos, dos *softwares* educativos, tomou de assalto a sala de aula e reduziu drasticamente os resquícios de autonomia ainda sonhados na educação formal. O método predominante na aprendizagem se constituiu como o “aprender a aprender”. No binômio “ensino-aprendizagem”, o ensino é deixado de lado e enfatizada a aprendizagem. Nesse processo educacional, inicialmente o aluno torna-se o centro e o artífice de sua aprendizagem, pela aplicação de métodos ativos, de dinâmicas de grupo, da valorização da pesquisa individual; mas, logo depois, a centralidade é assumida pelos aparelhos tecnológicos, esses novos seres inteligentes, aprendentes e fascinantes.

A desvalorização do professor se manifesta em nosso tempo por inúmeras medidas implementadas pelas políticas públicas e empresariais — contenção salarial, aumento de alunos nas salas de aulas, supervalorização dos livros didáticos (nos anos 1980-2000) e dos *softwares* educativos (hoje em dia), introdução dos computadores e da realidade virtual no ensino formal — e pela falta de reconhecimento de sua autoridade e de sua profissão pela sociedade contemporânea, que o vê apenas como um *medium* a mais. “Atualmente — diz um defensor do “aprender a aprender” — o professor quanto mais ausente da sala, quanto menos interferir no processo de aprendizagem do aluno, melhor. O aluno tem a capacidade de pesquisa autônoma e pode, assim, desenvolver seu pensamento independente. (...). Na sociedade globalizada do conhecimento e da informação, o professor tornou-se dispensável”¹¹.

E o aluno que ingressa à sala de aula — assistente assíduo das novelas ou dos inúmeros programas de canais alternativos, navegador *expert* das infindáveis ondas da Internet, freqüentador *habituê* das cativantes conversações dos *chats* — perde o encantamento com o ensino formal, vê a escola como um local desestimulante, anacrônico.

A massificação e a tecnologização da educação se faz presente de maneira acentuada também no ensino superior, mesmo em universidades tidas como de boa qualidade. Alguns exemplos ilustram esse fato. Na UNIMEP, o vestibular 2005 sofrerá alterações: será reduzido de dois para um dia, de 8 para 5 horas, com menos questões a serem respondidas (de 142 para 90) e o estabelecimento da nota zero como nota de corte da prova de redação (atualmente a nota de corte é 2,0). As mudanças se justificam pela diminuição dos custos do vestibular, por uma maior racionalização na aplicação dos exames, para tornar o processo mais atrativo, pela presença considerável e inoportuna dos concorrentes que realizam o processo seletivo em apenas um dia. O documento que fundamenta as referidas alterações se expressa em seus comentários finais: “Assim,

¹¹ BARBOSA, C. *apud* MONTEIRO, M. A. “Aprender a aprender: garantia de uma educação de qualidade?”. In *Presença Pedagógica*, p.48.

acreditamos que estamos classificando os melhores entre os piores candidatos para os nossos cursos”¹². A UNIMEP já há alguns anos vem adotando, como segunda opção, a seleção de graduandos através do Módulo 2; pelo histórico escolar (agora, com a alteração, por uma prova de conhecimentos gerais com 50 questões de múltipla escolha) e pela prova de redação, se escolhem alunos para as vagas remanescentes dos cursos — e são muitas. Os professores das áreas de humanas (filosofia, sociologia, história, psicologia, letras), que lecionam em cursos predominantemente mediados pelas novas tecnologias — Publicidade e Propaganda, Rádio e TV, Sistema de Informação — sentem dificuldades ingentes para atrair a atenção dos alunos durante as aulas, pelo fato de usarem em menor escala os aparatos tecnológicos e midiáticos e privilegiarem a leitura, a reflexão, a expressão, as análises históricas e sociais.

A universidade se atrela ao mercado e a suas estratégias para sobreviver. Transforma-se numa universidade operacional, “regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível. (...) Nela, a docência é entendida como transmissão rápida de conhecimentos, consignados em manuais de fácil leitura para os estudantes, de preferência ricos em ilustrações e com duplicata em CD-Rom. (...). Desapareceu, portanto, a marca essencial da docência: a formação”¹³. O professor universitário é obrigado a trabalhar com 80 alunos em sala de aula: como manter a atenção do educando, o nível de seriedade e de profundidade do ensino, a qualidade da avaliação? Ele se vê compelido a ‘estetizar’ sua aula, com vídeos, data-shows, músicas, para torná-la palatável, à semelhança da indústria cultural que embala suas mercadorias para atrair os compradores.

O parâmetro de que o sistema escolar tem de se configurar como um mercado educacional — levando as escolas a definir estratégias competitivas para conquistar espaços que atendam de forma competente à diversidade de consumo por educação — tende a se universalizar. Segundo Ianni, “tudo isso está sendo orquestrado pelo Banco Mundial, cuja visão de sistema de ensino está atrelada na profissionalização, visando adequar os indivíduos às exigências das atividades produtivas e da circulação do mercado mundial”¹⁴. A priorização de um novo modelo educacional fundado na sofisticação tecnológica, que determine um novo perfil ocupacional e os requisitos de qualificação do trabalhador, se coaduna com as diretrizes acima. Trata-se de uma visão produtivista da educação, que se orienta pelos princípios da adaptabilidade e ajuste de mercado, competitividade, produtividade, rentabilidade e mensurabilidade¹⁵.

¹² UNIMEP, “Processo seletivo UNIMEP: repensando para aprimorar. Piracicaba, p. 9.

¹³ CHAUI, M. “A universidade pública sob nova perspectiva”. In *Revista Brasileira de Educação*, p. 7.

¹⁴ IANNI, O. “Teorias da globalização”. In *Cadernos de Problemas Brasileiros*, p. 6.

¹⁵ Cf. MONTEIRO, *opus cit.*, pp. 50-53.

Na época da “Teoria da Semiformação” a *ratio* instrumental mercantilizada dominava ideologicamente a sociedade e a escola, instalando unilateralmente o esquema da adaptação e da dominação progressiva, a ponto de Adorno, naquela época, afirmar que “as condições da própria produção material dificilmente toleram o tipo de experiência sobre a qual se assentavam os conteúdos formativos tradicionais”¹⁶. Nos dias de hoje, a aceleração da aceleração tecnológica e a articulação do desenvolvimento tecnocientífico com o capital global, aumentaram assustadoramente a presença e o poder dessa mesma *ratio* no interior da sociedade e da escola: somos controlados nos ambientes sociais pelos objetos tecnológicos por nós mesmos construídos; as máquinas estão substituindo os homens em seus afazeres, inclusive nas salas de aula; amplia-se indefinidamente a hegemonia do saber pragmático em um mundo predominantemente funcional. Ou seja, a diferença incomensurável entre o poder do sistema e a impotência de resistência a ele nega a todos — não só aos trabalhadores, mas a todos — os pressupostos reais para a autonomia. A análise adorniana nos leva a uma profunda postura de humildade: não existem mais pressupostos para a formação neste nosso sistema administrado. Aliás, o próprio Adorno já tinha anunciado essa sombria realidade na Teoria da Semiformação.. Dizia ele: “A vida, modelada até suas últimas ramificações pelo princípio de equivalência, se esgota na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema e suas exigências se descarregam sobre os indivíduos tão dura e despoticamente, que cada um deles não pode se manter firme contra elas como condutor de sua própria vida, nem incorporá-las como algo específico da condição humana”¹⁷

Os computadores continuam invadindo as salas de aula e todos os setores funcionais da escola são programados pela precisão e segurança do sistema; nossas crianças e adolescentes surfam diuturnamente pelas ondas da Internet, muitas vezes como forma de entretenimento, algumas vezes como instrumento de pesquisa. E as longas conversações nos *chats* encurtam as palavras de nossa língua e reduzem as idéias de seus usuários; os professores e pesquisadores são obrigados a se adaptar às novas tecnologias e ao ciberespaço se quiserem sobreviver em suas profissões e venderem seus produtos.

Dizem os pós-modernos que é preciso compreender as transformações radicais de nosso novo mundo por um outro olhar que não o moderno; que todas essas transformações trazem consigo uma nova forma de saber, que a escola deve compreendê-la para se tornar contemporânea de seu tempo; que com o surgimento das redes de informação e de sociabilidade, as máquinas se tornaram capazes de promover relações afetivas, transformaram-se em um veículo de sociabilidade, fazendo

¹⁶ ADORNO, T. W. *opus cit.*, p. 18.

¹⁷ ADORNO, T. W. *opus cit.*, p. 14.

surgir uma nova forma de interação social e uma nova forma de inteligência, agora coletiva; que vivemos uma espécie de reencantamento do mundo; que “ao contrário da cultura de massa que até os anos 60 determinava a percepção social, vivemos uma desmassificação e fragmentação da informação e das mídias. Não se vislumbra mais a homogeneização inerente às massas e sim a personificação”¹⁸

Eu, pessoalmente, não consigo enxergar esses indícios libertadores das novas tecnologias, nem na sociedade em que vivemos e muito menos no interior da escola em que trabalhamos. Ao contrário, as novas tecnologias potencializaram *ad infinitum* a *ratio* instrumental e nos envolveram confortavelmente nas malhas da semiformação. Penso que a oração final do ensaio “Teoria da Semiformação” ainda seja atual e utópico, quando Adorno diz: “(...) estamos sob o domínio do anacronismo: agarrar-se com firmeza à formação, depois que a sociedade já a privou de sua base. Contudo, a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura (*Bildung*) é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu.”. Ele repete no ensaio de 1959 o que já tinha afirmado nas *Minima Moralia*, de 1944: “Hoje, o que se exige de um pensador é nada menos que esteja presente, a todo instante, nas coisas e fora das coisas — o gesto do Barão de Münchhausen, que se arranca do pântano puxando-se por seu próprio rabicho, tornou-se o esquema de todo conhecimento, que pretende ser mais do que constatação ou projeto. E ainda vêm os filósofos profissionais reprovar-nos de que não teríamos um ponto de partida sólido!”¹⁹

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T.W. “Teoria da Semiformação”. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. São Carlos: Grupo de Estudos e Pesquisa Teoria Crítica e Educação. 2003, 27 pág., inédito.
- ADORNO, T.W. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*. Trad. de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992
- ADORNO, T.W. “Educação após Auschwitz”. Trad. de Aldo Onesti. In COHN, G. *Theodor W. Adorno: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986, pp.33-45.
- CHAUÍ, M. “A universidade pública sob nova perspectiva”. In *Revista Brasileira de Educação*, set/out/nov/dez/2003, nº 24, pp. 05-15..
- IANNI, O. “Teorias da globalização”. In *Cadernos de Problemas Brasileiros*, nº 318, nov/dez 1996.
- MONTEIRO, M. A. “Aprender a aprender: garantia de uma educação de qualidade?”. In *Presença Pedagógica*, v. 6 nº 33, maio/junho 2000, pp. 47-57.
- SHIVA, V. “A nova colonização genética (entrevista). In SANTOS, L. G. dos. *Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Editora 34, 2003, pp. 73-80.

¹⁸ Cf. SILVA, M.L.da. “A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea”. In SILVA, M.L. da (Org.). *Novas Tecnologias: educação e sociedade na era da informação*, pp. 11-38.

¹⁹ ADORNO, T.W. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*, p. 64.

SILVA, M.L. da. “A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea”.In SILVA, M.L. da (Org.). *Novas Tecnologias: educação e sociedade na era da informação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp. 11-38.

UNIMEP, “Processo seletivo UNIMEP: repensando para aprimorar. Piracicaba: UNIMEP, 2004, publicação interna, 11 págs..